

## USOS LEGÍTIMOS E ILEGÍTIMOS DA CURIOSIDADE EM MONTAIGNE

### LEGITIMATE AND ILLEGITIMATE USE OF CURIOSITY IN MONTAIGNE

**Maria Cristina Theobaldo<sup>1</sup>**

Endereço profissional: Universidade Federal de Mato Grosso. Câmpus Cuiabá.

Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Filosofia.

Av. Fernando Corrêa da Costa, n. 2367

Bairro Boa Esperança, Cuiabá-MT

e-mail: maria.theobaldo@ufmt.gov.br

**RESUMO:** A tradicional tópica da curiosidade recebe tratamento ambivalente nos *Ensaíes*, de Montaigne. Por um lado, em perspectiva negativa, o autor critica o desejo de conhecer e suas consequências no âmbito da vida social e em relação aos excessos da razão na inquirição da natureza e do divino. Por outro, a curiosidade comporta positividade quando alimentada por uma “cabeça bem feita”. É, pois, essa distinção – se boa (honest), ou má (presunçosa) curiosidade – que visamos investigar nos *Ensaíes*: quais parâmetros epistemológicos e éticos respaldam tais qualidades? O que ratifica e o que condena seus usos?

**Palavras-chave:** Montaigne. Curiosidade. Ética.

**ABSTRACT:** The traditional topic of curiosity receives ambivalent treatment in Montaigne's *Essays*. On the one hand, in a negative perspective, the author criticizes the desire to know and its consequences in the scope of social life and in relation to the excesses of reason in the investigation of nature and the divine. On the other hand, curiosity carries positivity when fueled by a “well-made head”. Therefore, it is this distinction – whether good (honest) or bad (presumptuous) curiosity - that we aim to investigate in the *Essays*: what epistemological and ethical parameters support such qualities? What ratifies and what condemns its uses?

**Keywords:** Montaigne. Curiosity. Ethic.

“*Que sais-je?*”  
Montaigne, *Ensaíes*

#### I. Breve e incompleto inventário

A curiosidade tem esteio na história da filosofia: curiosidade pela natureza, curiosidade pelo divino, curiosidade em se autoconhecer, curiosidade pelo alheio, curiosidade pelo exótico e pelo novo.

---

<sup>1</sup> Professora associada do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso, do Programa de Pós Graduação em Filosofia da UFMT e do Mestrado Profissional em Filosofia (Núcleo UFMT) da UFPR. Doutora pela Universidade de São Paulo. Atua nas áreas de História da Filosofia Moderna, História da Filosofia e Ética do Renascimento e Ensino de Filosofia.

Trata-se, pois, de uma tópica – o desejo de conhecer – que já se faz notar na Antiguidade, cujo primeiro famoso exemplo é a anedota sobre a distração de Tales que, motivado por persistente curiosidade nos estudos de astronomia, acaba sofrendo um acidente. Mais desabonador, encontramos outro exemplo no diálogo *Defesa de Sócrates* de Platão<sup>2</sup>, quando da condenação da curiosidade socrática, julgada perigosa por querer conhecer “[...] indiscretamente o que há sob a terra e nos céus”<sup>3</sup>. Mas, é com Aristóteles, na sua *Metafísica*, que a curiosidade, aparte qualquer qualificação moral, é confirmada como um desejo natural de saber sobre as coisas: “Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer [...]”<sup>4</sup>, e “[...] se foi para fugir à ignorância que filosofaram, claro está que procuraram a ciência pelo desejo de conhecer [...]”<sup>5</sup>. Entretanto, quase sempre, se sobrepõe à curiosidade intelectual manifesta na perspectiva aristotélica, a dimensão moral da curiosidade, que adentra o campo dos afetos e da convivência social.

Ainda entre os antigos<sup>6</sup>, tomemos Sêneca como referência. No *Sobre a ira*, ele nos indica o autoconhecimento para o diagnóstico e prevenção das perturbações da alma. O desejo de conhecer a si mesmo é terapêutico: “É preciso, então, saber o que é frágil em ti para que te protejas o mais possível”. Contudo, a curiosidade, ao romper os limites da terapia prescrita – conhecer as próprias fragilidades – estimula variadas afecções. Na derivação do autoconhecimento para o conhecimento sobre as considerações dos outros sobre nós – do interno para o externo – a excessiva curiosidade cobra seu tributo no agravamento das perturbações da alma. É o caso daquele que se deixa molestar por injúrias, ao que segue a advertência senequiana: “Não convém tudo ver, tudo ouvir. [...] Não queres ser iracundo? Não sejas curioso.”<sup>7</sup>.

Já em outra visada, no *Sobre a tranquilidade da alma*, a tônica recai acerca da curiosidade intelectual: o desejo de conhecer sobre as coisas externas, por vezes, expresso na intensa dedicação aos estudos e na fruição dos livros, quando resvala para a desmesura, pode até merecer certa condescendência, mas não quando suas decorrências se pervertem em

<sup>2</sup> PLATÃO. *Defesa de Sócrates*. Trad. de Jaime Bruna. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

<sup>3</sup> *Idem*, 19b, p. 6.

<sup>4</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*, Livro I, 1. Trad. de Vinzenzi Cocco. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 11.

<sup>5</sup> *Idem*, Livro I, 2, p. 14. Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles, ao distinguir prazeres corporais e prazeres da alma, atribui ao “amor ao estudo” um deleite da “mente”. Contudo, aquele que se ocupa de assuntos alheios e fora de sua alçada é curioso em sentido pejorativo: “[...] os que gostam de ouvir e contar histórias e passam o dia ocupados com tudo que acontece são chamados mexeriqueiros [curiosos] [...]”. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, Livro III, 10, 1117b,35. Trad. de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 95.

<sup>6</sup> Para um estudo filológico dos termos *curiosus*, *curiose* e *curiositas* entre os latinos, ver ISTASS, Nathaël. Pour une contribution à l'étude du lexique latin de la curiosité: la curiosité intellectuelle dans l'antiquité. *Camena* n. 15, p. 1-49, 2013.

<sup>7</sup> SÊNECA, Lúcio A. *Sobre a ira. Sobre a tranquilidade da alma: diálogos*, Livro III, 11,1,1. ed. Trad. de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2014. p. 160.

dissimulação e transbordam para a posse e ostentação suntuosa dos livros e das bibliotecas domésticas, perdendo, dessa forma, sua legitimidade. Sêneca criticamente interpela seu leitor:

Mesmo a despesa com os estudos, que é a mais meritória, tem justificativa até o momento em que tem limite. Para que incontáveis livros e bibliotecas, se o dono, durante toda a sua vida, mal pôde ler os títulos? A quantidade sobrecarrega quem está aprendendo, não o instrui, e vale muito mais entregar-se a poucos autores do que vaguear por muitos. [...] Em todas as coisas, é vicioso o que é excessivo. [...] Eu compreenderia perfeitamente se esse equívoco se devesse a um desejo excessivo de estudar, mas agora essas obras seletas de talentos consagrados, reproduzidas juntamente com os bustos de seus autores, são compradas com vistas à aparência e ao adorno das paredes.<sup>8</sup>

Na mesma direção, em *Sobre a brevidade da vida*, a pertinência dos estudos é questionada em relação à aderência dos assuntos – frívolas curiosidades literárias, geográficas e históricas – e, fundamentalmente, no seu proveito para a ação virtuosa: “Eis que essa paixão de aprender coisas inúteis tomou conta dos romanos.”<sup>9</sup> E mais à frente: “[...] isso ajudará a diminuir os enganos de quem? Irá refrear as paixões de alguém? A quem tornará mais generoso, mais corajoso ou mais justo?”<sup>10</sup>. A adequação entre o desejo de conhecer, o que conhecer, como fazê-lo e seus fins também pode ser confirmada com Sêneca na Carta 88 e na Carta 108<sup>11</sup>, a qual veremos logo mais.

A dimensão moral da curiosidade é, igualmente, objeto de reflexão em Cícero. Aqui nos atemos ao *Dos deveres*<sup>12</sup>, obra que trata da vida ativa, logo, de uma ética prática. Ao anunciar as virtudes relacionadas ao honesto e seus deveres correlatos, Cícero adverte sobre a necessidade da “ordem e medida” nas ações, tendo em vista a proteção da honestidade e do decoro<sup>13</sup>. No que se refere ao desejo de conhecer, entendemos residir nessa recomendação – ordem e medida – a possibilidade de uma curiosidade legítima, pois conectada à vida ativa virtuosa, ou degenerada quando excessiva, cuja desmedida impele para fora do âmbito do dever. Tal qual em Aristóteles, para Cícero, o desejo de conhecer faz parte da natureza do ser humano: “[...] sem dúvida, somos arrebatados pela ânsia de conhecimento”<sup>14</sup>, porém, a medida é o coeficiente decisivo para o ajuste ao honesto e ao dever: “Nesse gênero de

<sup>8</sup> SÊNECA, Lúcio A. *Sobre a ira. Sobre a tranquilidade da alma: diálogos. Op. cit.*, Livro I, 9,4-7. p. 210, 211.

<sup>9</sup> SÊNECA, Lúcio A. *Sobre a brevidade da vida*, 13, 3. Trad. de Lúcia S. Rebello, Ellen I. N. Vranas, Gabriel N. Macedo. Porto Alegre: L&M, 2015. p. 59.

<sup>10</sup> *Idem*, 13, 9, p. 63.

<sup>11</sup> SÊNECA, Lúcio A. *Cartas a Lucílio*. Trad. de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

<sup>12</sup> CÍCERO, Marco T. *Dos deveres*. Trad. de Angélica Chiapeta. São Paulo: Martins Fontes, 1999. O estudo de Ana Letícia Adami, presente neste Dossiê, explora a curiosidade no *Dos Fins (De Finibus)*.

<sup>13</sup> *Idem*, Livro I, V, 17, p. 12.

<sup>14</sup> *Idem*, Livro I, VI, 18, p. 12.

atividade, ao mesmo tempo natural e honesto, dois vícios devem ser evitados. O primeiro é tomar as coisas desconhecidas por conhecidas e concordar com elas sem reflexão [...]. O outro vício consiste em aplicar esforço excessivo a coisas obscuras e difíceis, ou mesmo desnecessárias.”<sup>15</sup>. A dedicação ao conhecimento é digna quando vinculada à investigação e ao ponderado aprendizado do “verdadeiro”, porém, prevalecer-se sobre as obrigações particulares ou públicas, e por isso contrária ao dever, merece desaprovação<sup>16</sup>.

Acompanhando a repercussão da curiosidade no âmbito das condutas e correspondentes críticas, poderíamos, de modo igual, estender nosso inventário a Plutarco com seu *Sobre a Curiosidade* (que veremos à frente, juntamente com Montaigne), e dele para *As confissões*, de Agostinho, percorrendo, assim, a trajetória que desemboca no Renascimento com Petrarca<sup>17</sup> e, avançando seu percurso, adentra o século XVI com os humanistas renascentistas, os quais, e cada um à sua maneira, imprimem valor moral e intelectual à curiosidade e ao curioso quase sempre em tom pejorativo. Erasmo, por exemplo, similarmente a Plutarco, incrimina a conversa indiscreta, motivada por uma curiosidade vulgar. Já a especulação intelectual, quando ancorada no ardor de buscar conhecer o obscuro ou o supérfluo, ultrapassa as necessidades do ser humano e, sob o comando de uma *ímpia curiositas*, se torna fim em si mesma, perdendo, desse modo, segundo Erasmo, sua motivação primeira, que é colaborar para a apreensão das verdades divinas. No *Elogio da Loucura*, Erasmo qualifica as ciências como uma peste a desgraçar a existência humana, e ressalta os bons dias da Idade de Ouro, nos quais a curiosidade irreligiosa e vã não tinha vez: os homens daquele tempo “[...] não tinham essa curiosidade sacrílega que busca penetrar os segredos da natureza [...] descobrir as causas ocultas de todas as coisas. [...] Quanto ao desejo de conhecer o que existe para além do céu, é uma extravagância que nunca lhes passou pela cabeça”<sup>18</sup>. A curiosidade intelectual não é desabonada por Erasmo enquanto parte da *docta pietas*, porém, seu valor positivo está condicionado ao alcance de sua contribuição para o esclarecimento e o fortalecimento da fé cristã<sup>19</sup>.

<sup>15</sup> CÍCERO, Marco T. *Dos deveres*. *Op. cit.*, I, VI, 18, 19, p. 12.

<sup>16</sup> Segundo Labhardt, a ênfase acerca da dedicação ao conhecimento no *Dos deveres*, no *Dos fins* e no *Tuscalanas* parece revelar uma contradição entre a posição assumida no primeiro e aquela nos dois últimos, ao que Labhardt atribui à influência estoica no *Dos deveres* e aristotélica nas duas outras obras. A participação estoica: “[...] responde melhor às aspirações profundas de Cícero, em quem o sentimento de *utilitas* prevalece sobre a contemplação, esta permanecendo, apesar de tudo, um luxo [...]. Permanece o fato de que, em ambas as perspectivas, o desejo de saber pode ser abusivo, e é entre os *curiosi* – sem serem nomeados no *De officiis*, sendo ali referidos pelo termo *uitium* – os que ora carecem de discernimento e ora de sentido de dever.” LABHARDT, André. *Curiositas: Notes sur l’histoire d’un mot et d’une notion*. *Museum Helveticum*, 17, n. 4, p. 206–24, 1960. p. 211-212. T. da A.

<sup>17</sup> Neste mesmo Dossiê, conferir BORELLI, Marcela. El sentido de *curiositas* em la obra de Francesco Petrarca. Loca, Ed., Ano

<sup>18</sup> ERASMO. Desidério. *Elogio da loucura*. Trad. de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008. p. 49-50.

<sup>19</sup> GODIN, André. Erasme: “*pia/impie curiositas*”. In: CÉARD, Jean. *La curiosité à la Renaissance, Actes réunis par Jean Céard*. *Bulletin de l’Association d’étude sur l’humanisme, la réforme et la renaissance*, n. 23, p. 25-36, 1986. Segundo Basset, a

Historicamente, como rapidamente pudemos notar com Erasmo, a tópica da curiosidade ganha novo desdobramento de conotação moral em torno do ideário cristão da patrística. Ali, identificamos o fortalecimento de um movimento no sentido de denotar a curiosidade cada vez menos à distinção aristotélica – uma pulsão natural (um desejo) de buscar o conhecimento e fugir da ignorância – e mais como um traço de caráter – o curioso –, que logo é associado ao vício obstinado de tudo querer saber<sup>20</sup>. A curiosidade, por meio de Agostinho, será duramente adjetivada e algumas poucas menções do *A Cidade de Deus*<sup>21</sup> nos confirma esse viés: “perniciosa curiosidade” (Livro 3, 9), “curiosidade ímpia” (Livro 3, 24), “detestável curiosidade” (Livro 5, 21), “curiosidade culpável” (Livro 7, 34), “sacrílica curiosidade” (Livro 10, 9), “funesta curiosidade” (Livro 10, 26).

O conhecimento granjeado pelos saberes e pela filosofia cede lugar ao conhecimento da verdade cristã, considerado prioritário e efetivamente capaz de aproximar o ser humano do bem maior e, conseqüentemente, da vida feliz, como afirma Agostinho em *O livre arbítrio* (Livro 2, 52)<sup>22</sup>. Com Agostinho, a curiosidade compõe, juntamente com a soberba e a volúpia, a tríade das paixões que orchestra, desde sua raiz, os infortúnios humanos na medida em que provoca o afastamento do “Sumo Bem”. O curioso utiliza indevidamente seu livre arbítrio ao tentar imitar a sabedoria divina e tudo desejar conhecer sobre o “mutável” e o “temporal”, sobre o bem e o mal; quando assim procede, dela se afasta e, voluntariamente, refaz a rota ao ponto originário da existência pecaminosa do ser humano, a soberba: “Qual é teu intento, senão o de parecer sábio em tais matérias, agradar os espíritos curiosos dessas ciências ilícitas ou inspirar lhes a curiosidade por elas?”<sup>23</sup>. O empréstimo da vontade aos bens particulares, por si mesmos alheados do sumo bem, promove o distanciamento do regramento que conduz à virtude e à vida feliz, é o que podemos ler no Livro 2, 53 do *Livre arbítrio*:

Assim, pois, a vontade obtém, no aderir ao Bem imutável e universal, os primeiros e maiores bens do homem, embora ela mesma não seja senão um bem médio. Em contraposição, ela peca, ao se afastar do Bem imutável e comum, para se voltar para o seu próprio bem particular, seja exterior, seja

---

noção de curiosidade em Erasmo: “[...] se torna, portanto, suscetível a uma dupla interpretação, boa ou má, e engloba, sobretudo, sem distinção aparente, por um lado, a atividade intelectual que consiste em penetrar nos mistérios do universo e, por outro, o gosto mesquinho pelos segredos do vizinho.” BASSET, Bérengère. De la ΠΟΛΥΠΡΑΓΜΟΣΥΝ à la curiosité: réception du traité de Plutarque de La curiosité à la renaissance – fables, exempla et anecdotes dans la réflexion morale sur la curiosité au XVI siècle. *Camena*, n. 15, p. 1-15, 2013. p. 3. T. da A.

<sup>20</sup> BLUMENBERG, Hans. El proceso de la curiosidad teórica. In: *La legitimación de la Edad Moderna*. Trad. de Pedro Madrigal. Valencia: Ed. Pre-Texto, 2008. p. 280.

<sup>21</sup> AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*: (contra os pagãos) parte I. Introdução de Emmanuel Carneiro Leão; Trad. de Oscar Paes Leme. Petrópolis, RJ; Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017.

<sup>22</sup> AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*, Livro 2,52. Trad. de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995. p. 140.

<sup>23</sup> AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*, Livro X, 28. *Op. cit.*, p. 578.

inferior. Ela volta-se para seu bem particular, quando quer ser senhora de si mesma; para um bem exterior, quando se aplica a apropriar-se de coisas alheias, ou de tudo o que não lhe diz respeito; e volta-se para um bem inferior, quando ama os prazeres do corpo. Desse modo, o homem torna-se orgulhoso, curioso e dissoluto; e fica sujeito a um tipo de vida a qual, em comparação à vida superior anteriormente descrita, é antes morte.<sup>24</sup>

Nas *Confissões*<sup>25</sup>, Agostinho permanece na mesma direção apontada em *A Cidade de Deus*, a curiosidade, qualificada pejorativamente, está associada às tentações, principalmente aquelas do olhar: “Os olhos amam a beleza e a variedade das formas, o brilho e a luminosidade das cores. Oxalá tais atrativos não me acorrem a alma.”<sup>26</sup>. A “concupiscência dos olhos”, ou aquelas análogas a ele, impulsiona o desejo de conhecer ao limite da leviandade em relação ao conhecimento da natureza e da impertinência em relação ao divino, negligenciando, assim, as finalidades dos saberes e até mesmo as prerrogativas humanas como criatura de Deus:

É ela que nos impele a descobrir os segredos da natureza que estão longe de nós, que de nada nos servem, mas que os homens procuram só pelo gosto de conhecer. É essa curiosidade que faz o homem recorrer às artes mágicas, com a mesma finalidade de alcançar uma ciência reprovável, e, também na religião, quando se tenta a Deus, pedindo-lhe sinais e prodígios, não para obter benefícios, mas apenas para fazer a experiência.<sup>27</sup>

A atividade curiosa vulgar, levada a termo por meio dos sentidos corporais, provoca, imediatamente, o efeito residual de transtornar e desordenar a razão, desviando-na dos seus interesses mais virtuosos, ou seja, os direcionados ao plano religioso.

Por seu turno, na *Suma Teológica*<sup>28</sup>, tal compreensão agostiniana é parcialmente atenuada quando Tomás de Aquino opera a distinção entre a aplicação virtuosa – estudiosa e moderada –, ou viciosa – curiosa – no que se refere a busca do conhecimento<sup>29</sup>, e assim, em

<sup>24</sup> AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*, Livro 2,53. *Op. cit.* p. 141. Sobre a corrupção da vontade e a noção de soberba em Agostinho, ver: RAMOS, Angelo Z. *Ciência e soberania em Agostinho: estudo do De Trinitate*. São Paulo: Baraúna, 2009. p. 151-167. Segundo Ramos, “Sendo racional, a exemplo do criador, a criatura divina procurou conhecer como Deus conhecia; contudo, ao invés de imitá-lo enquanto alma racional, através do conhecimento não só das coisas humanas mas também das eternas (sabedoria), esforçou-se por conhecer por meio dessa ciência que infla e não edifica (Trin., XII, 11, 16), com a finalidade não de se orientar pelo modelo divino, e sim de conhecer pelo próprio conhecer, numa atitude exclusivamente curiosa, desvinculada de qualquer adesão aos preceitos divinos. Semelhante atitude, baseada no anseio curioso de conhecimento, constitui uma ciência pervertida (*peruersa scientia*), isto é, um conhecimento que pretendeu ser como o de Deus e que, malgrado isso, resultou em *curiosidade*”. *Idem*, p.164, 165.

<sup>25</sup> AGOSTINHO. *Confissões*, Livro X, 34, 35. Trad. de Maria Jardim Amarantes. São Paulo: Paulus, 1997.

<sup>26</sup> *Idem*, p. 309. Sobre a *concupiscentia oculorum*, conferir RAMOS, Angelo Z. *Ciência e soberania em Agostinho. Op. cit.*, p. 73–85.

<sup>27</sup> *Idem*, p. 313.

<sup>28</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, II, II, Questão 167, art. 2, v. 7. Edições Loyola, 2013.

<sup>29</sup> Na Questão 166, art. 1, *De studiosidade*, Tomás de Aquino discorre sobre a abrangência da estudiosidade, enfatiza que seus objetos não se restringem ao conhecimento. Nesse mesmo artigo é apresentada a relação da estudiosidade com a curiosidade: “1. Com efeito, se considera estudioso quem se aplica a alguma coisa. Ora, em qualquer matéria, o homem deve ser aplicado, para fazer bem o que deve ser feito. Logo, parece que o conhecimento não é a matéria específica da estudiosidade. 2. Além disso, a estudiosidade opõe-se à curiosidade. Ora, a curiosidade, que vem do latim “cura”, que



certa medida, recupera a positividade da perspectiva aristotélica em relação ao desejo de conhecer (inerente à natureza humana), quando praticado retamente seja na filosofia, seja em relação ao conhecimento sensível direcionado para as necessidades naturais ou para a compreensão da verdade.

A curiosidade, viciosa em si mesmo, para Tomás de Aquino, não se empresta ao conhecimento intelectual: “[...] se o vício da curiosidade pudesse ter por matéria algum conhecimento intelectual, ele seria, sobretudo, o das ciências filosóficas. Ora, não parece vicioso aplicar-se a elas [...]”<sup>30</sup>. O vício da curiosidade também não pode ser identificado com a investigação sensível desde que bem conduzida: “se [...] alguém busca, ordenadamente, o conhecimento sensível, pela necessidade de manter a própria natureza, ou pelo esforço de compreender a verdade, nesse caso está praticando uma estudiosidade virtuosa, em matéria de conhecimento sensível.”<sup>31</sup>. A questão de fundo não está propriamente no conhecimento, mas na direção tomada pelo desejo de conhecer, é ela que delimita o potencial perverso – orgulho em deter conhecimento, ambição em conhecer além das próprias possibilidades – ou reto – querer conhecer para fins lícitos: “[...] o conhecimento da verdade é bom, em si mesmo, mas isso não impede que determinado conhecimento dela possa ser usado para o mal ou para desejá-la de forma desordenada, já que é preciso também que o desejo do bem seja, devidamente, regulado.”<sup>32</sup>.

De Agostinho até os renascentistas, a curiosidade, seguindo as orientações da filosofia cristã, é associada menos ao ordenamento e aos procedimentos para conhecer, e mais às motivações que impulsionam a buscar o conhecimento, notadamente as provocadas pelo desejo de glória ou pelo desregramento de uma razão vaidosa sobreposta às possibilidades efetivas de alcançar o conhecimento. Juntas, paixão e razão, ultrapassam os limites das verdades cristãs, transfigurando o virtuoso amor ao conhecimento, a “estudiosidade” aquiniana, em viciosa curiosidade, por sua vez associada à soberba e à aspiração de prestígio. À investigação que busca o conhecimento por ele mesmo, abandonando a moderação e a modéstia da estudiosidade, é atribuída a corrupção da simplicidade da mente e a preponderância da vaidade da razão que, paulatinamente, incita o afastamento do divino.

---

significa cuidado, pode referir-se também ao vestir-se elegantemente e a outros cuidados com o corpo e, por isso, diz o Apóstolo: “Não tenhais cuidado demais com a carne, para lhe satisfazerdes as concupiscências”. Logo, a estudiosidade não se refere apenas ao conhecimento.” *Idem*, p. 444. Sobre a interação entre curiosidade e estudiosidade, conferir MACLELLAN, Thomas M. *The Moral Virtues and the Speculative Life. Laval théologique et philosophique*, 12(2), p.175–232, 1956. p. 202-232.

<sup>30</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica, Op. cit.*, p. 449.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 453.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 451.

Mantendo em sua guarda os itinerários dos antigos e dos medievais, os humanistas do Renascimento tratam a curiosidade de modo ambíguo e em variados tons valorativos. Por um lado, temos o entusiasmo quanto ao desejo de conhecer, sendo a *dignitas hominis* de Pico<sup>33</sup> um excelente exemplo nesse sentido. Por outro, a partir do século XV, o ceticismo aparece como pivô do questionamento acerca da legitimidade da busca por conhecimento e, principalmente, faz balançar a confiança na eficiência das ambições da razão na sua tarefa de apreender as verdades, perspectiva que desemboca na condenação da curiosidade como estéril e dispersiva. É o que, em parte, encontramos nas críticas de viés epistemológico de Montaigne à curiosidade, presentes no capítulo “Apologia de Raymond Sebond” (II, 12) dos *Ensaio*s<sup>34</sup>. Entretanto, não esqueçamos a brecha montaigniana concernente à possibilidade de uma honesta curiosidade, abertura que projeta positivamente a argumentação sobre o tema para sua dimensão ética e educacional.

Podemos, sinteticamente, apontar não menos que três sentidos da tópica curiosidade entre os renascentistas, heranças da tradição filosófica greco-latina e das filosofias medievais: 1. curiosidade pelo alheio, desejo de alcovitar sobre a vida dos outros; nesse ponto, podemos aludir as influências de Plutarco e de Agostinho; 2. curiosidade caracterizada pela investigação apressada e pouco criteriosa em seus procedimentos, objetos e objetivos, oposta a busca paciente e prudente da verdade, e antagonista da formação do caráter virtuoso; oportunamente as participações de Sêneca, Agostinho e Tomás de Aquino podem ser lembradas; 3. Curiosidade em conhecer as coisas da natureza<sup>35</sup> e para além da natureza; e, assim, retornamos ao genuíno desejo de investigar inerente à natureza humana, a *libido sciendi*, conforme Aristóteles e inspiração para Cícero. Esses sentidos confluem para dois polos, sendo um deles, a curiosidade em sentido apreciativo, revelando a pulsão em buscar o conhecimento e os sucessos alcançados nessa direção; o outro, sua negatividade, relacionada ao sacrilégio em adentrar o proibido, em forçar o caráter oculto das coisas de Deus e da

---

<sup>33</sup> PICO, Giovanni. *A dignidade do homem*. 2. ed. Trad. de Luiz Feracine. Campo Grande: Solivros; Uniderp, 1999.

<sup>34</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaio*s. v. 2. Trad. de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Sobre os *Ensaio*s, utilizamos a edição brasileira, Livros I, II e III, da Editora Martins Fontes e traduzida por Rosemary Costhek Abílio; e a edição francesa de P. Villey, da Editora PUF. Nas citações, as letras A, B e C, indicam as passagens que Montaigne acrescentou nos capítulos já publicados, reunindo, assim, três “camadas” de textos: “A”, da primeira edição, datada de 1580; “B”, segunda edição, 1588; e “C”, da edição póstuma, datada de 1595, segundo o manuscrito de Bordeaux. Nas referências aos *Ensaio*s, os algarismos romanos indicam os livros e os arábicos os capítulos e as páginas, cuja primeira referência corresponde à página da edição brasileira e a segunda, à da francesa.

<sup>35</sup> Os relatos dos viajantes são exemplares nesse sentido, pois procuram imprimir teor científico à curiosidade frente ao desconhecido e suas curiosidades, ou seja, o estranho e o diferente tal como encontramos em LÉRY, Jean. História de uma viagem feita à terra do Brasil. Trad. de Tristão de Alencar Araripe. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 52 (80), p. 111-372, 1889.



natureza, em tentar invadir os mistérios vedados ao ser humano, referência respaldada na linhagem estoica e agostiniana<sup>36</sup>.

Tomando por cenário filosófico essa rápida contextualização<sup>37</sup>, e sem pretender uma reconstrução genética da tópica da curiosidade e, ainda, correndo o risco de nos desviarmos da radicalidade tão cara ao próprio da interpretação filosófica, nosso objetivo, agora, é interpelar Montaigne a propósito das distinções e dos usos tributados à curiosidade e quais parâmetros respaldam tais distinções, o que implica, e essa é nossa suspeita, na presença ambivalente da percepção da curiosidade nos *Ensaio*s, que uma leitura apressada pode endossar como aparente hesitação e definitiva condenação moral e epistemológica da curiosidade<sup>38</sup>. Em outras palavras, parece-nos oportuno apostar em uma interpretação da curiosidade para além da negatividade de matriz religiosa ou da severa crítica social, e projetá-la no arco de uma ética circunstanciada e do ceticismo.

## II Montaigne: apontamentos das ambivalências

Nos *Ensaio*s, a tópica da curiosidade é carregada de sobreposições, camadas sugestivas de ambivalências, que oscilam conforme os contextos da sua atuação – observações sobre a moralidade e a diversidade dos costumes, conhecimento de si, conhecimento da natureza, conhecimento do divino. Se assim é, faz-se prudente manter circunstanciados e atados os objetivos e os objetos que põem a curiosidade em movimento. Listemos alguns:

Primeiro. Curiosidade antropológica pela singularidade das sociedades, particularmente acerca dos costumes estrangeiros. O capítulo “Dos canibais”, Livro I dos *Ensaio*s, pode ser lembrado nesse seguimento. Interessa a Montaigne não só os usos e

---

<sup>36</sup> Para uma breve contextualização da curiosidade na Renascença (aspectos lexicais, ciência natural e poesia amorosa), cf. CHARPENTIER, François. CÉARD, Jean; MATHIEU-CASTERLLANI, Gisèle. Preliminares. In: CÉARD, Jean. *La curiosité à la Renaissance. Op. cit.*, p. 7-36.

<sup>37</sup> Abordagens da curiosidade diversas da aqui apresentada podem ser conferidas em INAN, Ilhan. *The Philosophy of Curiosity*. New York: Routledge, 2011, cuja análise transita entre a epistemologia e a filosofia da linguagem. Ver também BENEDICT, Barbara M. *Curiosity: a cultural history of early modern inquiry*. Chicago; London: The University of Chicago, 2001. Conferir KENNY, Neil. *The Uses of Curiosity in Early Modern France and Germany*. New York: Oxford University Press, 2004.

<sup>38</sup> Sobre a curiosidade em Montaigne, ver CHARPENTIER, François. *Les Essais de Montaigne: curiosité / incuriosité*. In: CÉARD, Jean. *La curiosité à la Renaissance. Op. Cit.*, p. 111-121; PEROUSE, Gabriel A. À propos de la “curiosité” dans les Essais de Montaigne. *Bulletin de la Société Internationale des amis de Montaigne*, VIIIe série, n. 27-28, p. 13-25, 2002; ROOSE, Alexander. Le remède est dans le mal: Montaigne lecteur de l’essai sur la curiosité de Plutarque. *NBSIAM*, p. 85-95, 2007; BOUDOU, Bénédicte; CERNOGORA, Nadia. Montaigne et la curiosité nonchalante. *Camena* n. 15. p. 1-16, 2013; MÉNAGER, Daniel. Curiosité et erreur religieuse chez Montaigne. *Bulletin de la Société Internationale des amis de Montaigne*, Série 2, n. 62, 2015; DESAN, Philippe. Curiosité et irresolution. In: *Idem. Montaigne: penser le social*. Paris: Odile Jacob, 2018. p. 75-93; CHARPENTIER, François. Curiosité. In: DESAN, Philippe. (dir.) *Dictionnaire Montaigne*. Paris: Classiques Garnier, 2018. p. 440-443.

costumes dos nativos do Novo Mundo, mas também certa observação e fruição pelo exótico, perceptível, por exemplo, na sua coleção de artefatos e canções dos indígenas americanos: “Em muitos lugares, e entre outros em minha casa, vê-se como são seus leitos, suas cordas, suas espadas e os braceletes de madeira com que cobrem os pulsos nos combates [...]”<sup>39</sup>, o que coaduna com a tendência, na época, por certa curiosidade estética, pelo exótico e pela novidade, tal qual nos dá a ver os gabinetes de curiosidades<sup>40</sup>. Contudo, nesse mesmo capítulo, frente a uma novidade tão expressiva – o Novo Mundo e seus habitantes – Montaigne não deixa de fazer ressalvas acerca do que é possível conhecer sobre tal matéria. À curiosidade é imputada a responsabilidade por forçar as efetivas condições seja do observador, seja do objeto e do que de ambos se pode depreender: “Temo que tenhamos os olhos maiores do que o ventre, e mais curiosidade do que a capacidade que temos. Tudo abarcamos, mas estreitamos apenas vento.”<sup>41</sup>.

Segundo. Entre os dispositivos para satisfazer o espírito curioso pelo diferente, as viagens são preferidas e duplamente credenciadas por Montaigne: são oportunidade de aprimoramento pessoal e de conhecimento do outro<sup>42</sup>: “Esse humor ávido de coisas novas e desconhecidas ajuda em alimentar em mim o desejo de viajar”<sup>43</sup>. A viagem também tem competência para formar o caráter e, segundo Montaigne, constitui excelente estratégia pedagógica desde que acompanhada de firme determinação no sentido de se empenhar na apreensão do diverso e do “comércio entre os homens”:

[B] viajar parece-me uma atividade proveitosa. Então a alma exercita-se continuamente em observar as coisas desconhecidas e novas; e, como já disse muitas vezes, não conheço melhor escola para formar a vida do que propor-lhe incessantemente a diversidade de tantas outras vidas, [C] opiniões e usos, [B] e fazê-la saborear uma tão constante variedade de formas de nossa natureza.<sup>44</sup>

<sup>39</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaíos*, Livro I, 31. *Op. cit.*, p.317/212.

<sup>40</sup> Um derivativo da curiosidade pelas coisas do mundo reside no interesse pelo incomum, que adquire expressão, por exemplo, nos gabinetes de curiosidades no início da modernidade. Segundo Regond-Bohet e Loechel, a origem do gabinete de curiosidade pode ser atribuída à manifestação de uma nova percepção da natureza e das produções humanas, sinalizadora de uma outra perspectiva sobre o tempo, os lugares e a importância de se situar a partir deles. REGOND-BOHET, A., LOECHEL, A. J. M. Les cabinets de curiosité au XVIe siècle. In: CÉARD, Jean. *La curiosité à la Renaissance. Op. cit.*, p. 65-70. Sobre a variedade das coleções, especialmente no século XVII, ver MARRACHE-GOURAUD, Myriam. Um cabinet expose-t-il nécessairement une collection? Le cas du cabinet des fleurs de Jean Franeau, un cabinet des regrets. *Camœnae* n. 15, p. 1-11, 2013. Ver também BANDERIER, Gilles. Cabinets de Curiosité. In: DESAN, Philippe. (dir.) *Dictionnaire Montaigne. Op. cit.*, p. 245.

<sup>41</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaíos*, Livro I, 31. *Op. cit.*, p. 304/203.

<sup>42</sup> Sobre MONTAIGNE, Michel. de. *Journal de Voyage em Italie*. In: *Oeuvres complètes*. Textes établis par Albert Thibaudet et Maurice Rat. Paris: Gallimard, 1999, ver BOCCAZZI, Gaudenzio. La curiosité du voyageur au XVIe siècle, ou l’art d’aprendre et de se parfaire par les voyages. In: CÉARD, Jean. *La curiosité à la Renaissance. Op. cit.*, p.54.

<sup>43</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaíos*, Livro III, 9. *Op. cit.*, p. 243/948. Segundo Dreano: “As originalidades dos homens sempre o interessaram. No entanto, no decorrer de sua jornada, sua velha curiosidade às vezes assume um tom diferente, refletindo um novo estado de espírito.” DREANO, Maturin. *Montaigne*. Trad. De Clemencia C. Funes. Buenos Aires: Columba, 1967. p. 40.

<sup>44</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaíos*. Livro III, 9. *Op. cit.*, p. 282-283/973.

Porém, alcançar os bons frutos de uma viagem exige certas prevenções. Os viajantes podem não estar imunizados contra um tipo de curiosidade frívola, que nada acrescenta à efetivo proveito para a vida. Trata-se daqueles que “Viajam cobertos e trancados, com uma cautela taciturna e incomunicável”<sup>45</sup>; incapazes de vivenciar o estranhamento, perdem a oportunidade de experienciar a diversidade. Esses, por mais que estejam distantes do que lhes é familiar, de lá, não se afastaram, quando muito exercitam uma curiosidade vulgar, apegada nas futilidades, deixam, assim, de enxergar a novidade e, conseqüentemente, negligenciam seu teor formativo.

A curiosidade nas viagens, a disposição de ir ao encontro do diferente, de outra parte, é também expressão de desenraizamento, de uma curiosidade que induz certa dispersão se provocada por um desejo de conhecer sem prévio objetivo ou finalidade:

[...] esse prazer de viajar dá prova de inquietude e de inconstância [...] Sim, confesso, não vejo coisa alguma, nem sequer em sonho e por desejo, a que me possa agarrar; apenas a variedade me satisfaz, e a posse da diversidade, pelo menos se alguma coisa me satisfaz. É isso mesmo que me fortalece para viajar: que posso deter-me sem prejuízo, e tenho como desviar-me dela [da viagem (parando)] facilmente.<sup>46</sup>

Terceiro. A curiosidade também se expressa e adquire sua máxima deferência na investigação diligente de si – curiosidade em se conhecer – que o ensaísta, em seu processo investigativo, molda e recompõe, registra e transforma em conhecimento de si, seu autorretrato. Ao reputar seu livro como “consustancial ao seu autor”, Montaigne indaga:

Terei perdido meu tempo em prestar-me contas de mim tão continuamente, tão cuidadosamente [*curieusement*]? Os que repassam apenas em pensamento e oralmente, de passagem, não se examinam tão essencialmente nem se penetram como quem faz disso seu estudo [...] com todo o seu ânimo, com toda sua força.<sup>47</sup>

Montaigne justifica e defende sua investigação. Porém, o complemento restritivo implicado na curiosidade de autoconhecimento reside no derivativo da vaidade de se mostrar, de falar de si. Ressalva-se, todavia, a intenção e o empenho empregados em um autoexame senão imparcial, ao menos parcimonioso, regrado<sup>48</sup>.

<sup>45</sup> *Idem*, p. 301/985. “[B] Envergonho-me de ver nossos homens embriagados por esse tolo humor de exasperarem-se com os hábitos contrários aos deles: parece-lhes estar fora de seu elemento quando estão fora de sua aldeia. Onde quer que vão, apegam-se às suas maneiras e abominam as estrangeiras.” *Idem, ibidem*, p. 301/985. De seu lado, “Montaigne, que viaja para conhecer e compreender, observar e comparar, encontra-se à vontade em todos os lugares e nada o assusta.” BOCCAZZI, Gaudenzio. *La curiosité du voyageur au XVIe siècle... CÉARD, Jean. La curiosité à la Renaissance. Op. cit.*, p. 55.

<sup>46</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaíais*. Livro III, 9. *Op. cit.*, p. 305/988.

<sup>47</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaíais*, Livro II, 18. *Op. cit.*, p. 498/665. Sobre o termo “*curieusement*” no capítulo “Do útil e do Honesto (III, 1), [conferir neste Dossiê o artigo de ARAUJO, Sérgio Xavier](#).

<sup>48</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaíais*, Livro II, 17. *Op. cit.*

Quarto, o ponto que nos é mais relevante. De aderência agostiniana, a crítica à curiosidade excessiva em relação às coisas dos homens e às coisas de Deus, é bem sintetizada na seguinte passagem do capítulo “Da presunção”: “[A] A curiosidade de conhecer as coisas foi dada ao homem como um flagelo, dizem as Santas Escrituras”<sup>49</sup>. Acopla-se a essa crítica de viés religioso, outra, agora de conotação moral e epistemológica: a busca pelo conhecimento é desacreditada à conta da incapacidade da própria razão e da inconstância do espírito curioso. Percebemos aqui o itinerário já bem trilhado pela tradição filosófica cristã, ao que Montaigne completa: “Os cristãos têm um conhecimento particular de quanto a curiosidade é um mal natural e original no homem. A preocupação com crescer em sabedoria e ciência foi a primeira ruína do gênero humano; foi o caminho por onde ele se precipitou na danação eterna.”<sup>50</sup>.

Trata-se, ainda em aproximação na mesma linha, de certa valorização da ignorância do vulgo, aquela que desconhece a si mesma e permanece desacompanhada da curiosidade do espírito inquieto e desejoso de conhecimento: “A incivilidade, a ignorância, a simplicidade de espírito, a rudeza costumam ser acompanhadas de inocência; a curiosidade, a sutileza, o saber trazem em sua esteira a malícia [...]”<sup>51</sup>. O acento na ignorância e na simplicidade reaparece no consórcio com uma natureza considerada sábia e generosa, que em tudo pode nos suprir. No contraponto, estão as especulações filosóficas, responsáveis por inquietações e fermento para a curiosidade. Montaigne, na sequência da argumentação, faz contrastar a curiosidade à “incuriosidade”, sendo essa a disposição indicada para apreender a sabedoria da natureza: “Assim como ela [a natureza] nos munuiu de pés para caminhar, também tem sabedoria para guiar-nos na vida [...]. Oh, que travesseiro suave e macio, e saudável, é a ignorância e a despreocupação [*incuriosité*], para repousar uma cabeça bem feita!”<sup>52</sup>. A crítica cética vem, por fim, coroar o valor negativo da curiosidade: “Eis por que as bobagens mais grosseiras e pueris são mais encontradas nos que tratam das coisas mais altas e mais avançadas, abismando-se em sua própria curiosidade e presunção”<sup>53</sup>.

Mas, de outra parte, a curiosidade também anima e traz vivacidade para o espírito, participe de uma ignorância curiosa que aguça a alma, a curiosidade operada diligentemente pode se aproximar da *libido sciendi*, que anima o filósofo e o sábio. É o que veremos a seguir.

## II. Saber mais e a má curiosidade

<sup>49</sup> *Ibidem*, Livro II, 17, p. 454/635.

<sup>50</sup> *Idem*, Livro II, 12, p. 248/498.

<sup>51</sup> *Ibidem*, Livro II, 12, p. 248/498.

<sup>52</sup> MONTAIGNE, M. *Ensaaios*, Livro III, 13. *Op. cit.*, p.435/1073.

<sup>53</sup> MONTAIGNE, M. *Ensaaios*, Livro II, 12. *Op. cit.*, p. 317, 544.

Tal qual na tradição, prevalece em Montaigne a sobreposição entre o desejo de conhecer, sua intencionalidade e sua finalidade. Essa triangulação traz à luz o núcleo das críticas e também possibilita a reabilitação da curiosidade em seus consórcios no campo das condutas sociais e das ciências<sup>54</sup>, cuja inspiração senequiana nos parece flagrante.

Nas *Cartas a Lucílio*, no que concerne ao desejo de conhecer, o alvo, reiteradamente em frequência prescritiva, é o curioso<sup>55</sup>, que na sua ânsia de saber mais, além de minar a moderação e o ordenamento dos seus estudos, apressadamente descuida dos degraus necessários para a elaboração do conhecimento seguro. Assim reporta Sêneca a Lucílio na intenção de calibrar desejo de conhecer do seu pupilo: “Vou, então, responder ao teu problema, mas não sem que antes te aconselhe como deves moderar esse apetite ardente de que te vejo possuído, não vá ele, em vez de benefício, ser nocivo à tua formação.”<sup>56</sup>. O curioso se deixa influenciar por discursos sofisticados, sutis nas palavras, mas vazios do que é essencial<sup>57</sup>, ou por uma falsa urgência em acumular leituras e livros, como já posto no *Sobre a tranquilidade da alma* e repetido na Carta 45<sup>58</sup>, ou, igualmente, no afã de buscar conhecimentos, se deixar seduzir pela pedagogia da viagem, obtendo em troca apenas inquietação e inconstância: “Que utilidade pode ter, para quem quer que seja, o simples facto de viajar? [...] [Ela] não faculta o discernimento nem dissipa o erro, apenas detém a atenção momentaneamente pelo atractivo da novidade, como a uma criança que pasma perante algo que nunca viu.”<sup>59</sup>. As viagens não são remédio para vício algum quando o viajante carrega consigo seus infortúnios, não há paisagem que apazigue certos males: “As tuas deambulações não te trarão qualquer proveito, já que viajas na companhia das tuas paixões. [...]. O avarento, o sedutor, o sádico, o vigarista [...] estão mesmo dentro de ti”<sup>60</sup>.

---

<sup>54</sup> Nos *Ensaíos*, argumenta Desan, a curiosidade é criticada e adjetivada negativamente quando reportada ao conhecimento da vida social e política na medida em que não é capaz de instituir verdades nesse âmbito, pois que sempre instável e particular, restando a Montaigne o refúgio na irresolução. A curiosidade é aceitável e mesmo recomendável na perspectiva do autoconhecimento, mas socialmente é tomada como um fator de perturbação das práticas sociais estabelecidas: “A curiosidade torna-se então uma doença com a qual o homem deve aprender a viver. Montaigne realmente tem uma concepção médico-social deste conceito, e é por isso que, no *Ensaíos*, a curiosidade é sistematicamente redirecionada para o conhecimento de si” DESAN, Philippe. *Montaigne: penser le social*. Op. cit., p. 81. T. da A.

<sup>55</sup> SÊNECA, Lúcio A. *Cartas a Lucílio*, Carta 108. Op. cit.

<sup>56</sup> *Idem*, Carta 108, 2, p. 591.

<sup>57</sup> *Idem*, Carta 111, 1, p. 615 e Carta 45, 8, p. 152,153.

<sup>58</sup> *Idem*, Carta 45, 1, 2, p. 151.

<sup>59</sup> *Idem*, Carta 104, 13, p. 573.

<sup>60</sup> SÊNECA, Lúcio A. *Cartas a Lucílio*, Carta 104, 13, 16, 21. Op. cit., p. 573-575. Sobre a utilidade das viagens em Sêneca conferir ROBERT, Joly. Curiositas. In: *L'antiquité classique*, Tome 30, fasc. 1, p. 33-44, 1961. p. 35, 36. Como vimos, a viagem, apesar de um dispositivo liberador da curiosidade, é bem aceita por Montaigne por unir prazer, instrução e liberdade.

Nem mesmo as artes liberais escapam à crítica senequiana, ele recomenda as secundarizar frente ao indispensável para a formação do caráter virtuoso<sup>61</sup>. A dedicação às artes liberais não é imediatamente censurável, mas o será quando, excessivamente, romper os limites do regramento e do real valor do seu estudo e posse para a sabedoria e o viver bem. Todas essas iniciativas, agenciadas pelo curioso, afluem para um diagnóstico moral importante: “Querer saber mais do que é necessário é uma forma de intemperança”<sup>62</sup>.

O desejo de conhecer desordenado repercute de modo semelhante nas advertências de Montaigne tanto no que diz respeito à posse e ao uso de certos conhecimentos, quanto por suas decorrências na vida prática. Os saberes e a ânsia, por querer conhecer desmedidamente, estão diretamente correlacionados ao ajuizamento moral: “Seria preciso perguntar quem sabe melhor, e não quem sabe mais.”<sup>63</sup>, o que faz valer o preceito senequiano: “Estuda, em suma, não para saberes mais, mas para saberes melhor!”<sup>64</sup>. No capítulo “Do pedantismo” [I, 25) as consequências do saber exagerado, desacoplado da vida prática e freneticamente procurado são evidenciadas e ridicularizadas: “[A] [...] a ação do espírito por excesso de estudos e de matéria, o qual, tomado e embaraçado por uma grande diversidade de coisas, talvez perca a maneira de se desenredar, e essa carga o mantenha encurvado e encarquilhado.”<sup>65</sup>. Nesse mesmo sentido, outro exemplo pode ser lembrado no comentário de Montaigne, relativo ao elogio de Tácito à mãe de Agrícola por desestimular o filho em seu desejo exacerbado de conhecimento. Há ali o vício da vaidade e da imoderação, que transgride e avilta a conformidade com as necessidades efetivas: “Acho que em curiosidade de saber ocorre o mesmo: ele [o ser humano] assume da tarefa muito mais do que pode fazer e muito mais do que lhe cabe fazer.”<sup>66</sup>.

Mais incisiva e dramática é a crítica que encontramos no capítulo “Apologia de Raymond Sebond” (II, 12), ali, à curiosidade, é apensado o adjetivo de “perigosa”, pois julgada cúmplice da fraqueza e da vaidade e parceira da loucura e da lassidão. A curiosidade desregrada, sem freios, impulsiona a buscar por um conhecimento acima das possibilidades humanas ou de pouca utilidade para a deliberação moral. Disso, resultam consequências que arrastam o espírito para o dogmatismo. Severamente a curiosidade é adicionada à galeria dos infortúnios humanos e nos faz rememorar a tríade das paixões condenáveis de Agostinho:

---

<sup>61</sup> *Ibidem*, Carta 88, p. 415ss.

<sup>62</sup> *Ibidem*, Carta 88, 37. p. 426.

<sup>63</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Livro I, 25. *Op. cit.*, p. 203/136.

<sup>64</sup> SÊNECA, Lúcio A. *Cartas a Lucílio*, Carta 89, 23. *Op. cit.*, p. 438.

<sup>65</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Livro I, 25. *Op. cit.*, p. 200/134.

<sup>66</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Livro III, 12. *Op. cit.*, p. 382/1038.



[A] [...] temos como quinhão nosso a inconstância, a irresolução, a incerteza, a dor, a superstição, a inquietação das coisas por vir (mesmo depois da nossa vida), a ambição, a avareza, o ciúme, a inveja, os apetites desregrados, loucos e indomáveis, a guerra, a mentira, a deslealdade, a difamação e a curiosidade. Por certo pagamos extraordinariamente caro por essa bela razão de que nos vangloriamos e essa capacidade de julgar e conhecer, se as adquirimos a custa desse número infinito de paixões a que estamos incessantemente expostos.<sup>67</sup>

A curiosidade excessiva é ainda acompanhada do desejo de reconhecimento público pelo saber adquirido e pelo esforço ou astúcia em adquiri-lo. A correlação curiosidade, conhecimento e reconhecimento (em suas variantes) já aparece em Sêneca e é item de reprovação: “Por vão desejo de tornares conhecido o teu talento não debes misturar-te com o público [...]”<sup>68</sup>, estendendo-se em digressões nas Cartas 88, 89, 94 e 108. Também o localizamos, como já visto, em Agostinho, na *Cidade de Deus*, substanciado na soberba de pretender igualar-se a Deus. Montaigne acompanha o estoico e, nos parece, deixa entrever certa colagem à matriz cristã. Sua crítica é dirigida à aliança entre a curiosidade e a vanglória: “A presunção [*la gloire*] e a curiosidade são os dois flagelos de nossa alma. Essa leva-nos a meter o nariz por toda parte e aquela nos impede de deixar algo sem solucionar e sem decidir.” (I, 27. p. 272)<sup>69</sup>. A passagem, que guarda alguma aproximação com Tomás de Aquino na Questão II, II, 167 da *Suma*<sup>70</sup>, sinaliza uma curiosidade bisbilhoteira, que se intromete em tudo, resultado do equívoco em maximizar o alcance da capacidade de conhecer e os limites da jurisdição humana sobre as coisas que, por sua vez, se decompõe em ufanía e jactância. Efetivamente, indo além, o que Montaigne visa denotar a partir dessa crítica é a miserabilidade da condição humana travestida em vaidade:

Será possível imaginar algo tão ridículo quanto essa miserável e insignificante criatura [...]dizer-se senhora e imperatriz do universo, do qual não está em condições de conhecer a mínima parte, quanto mais comandá-la? E o privilégio que ele se atribui, de nesta grande construção ser o único a ter capacidade para conhecer-lhe a beleza e as peças [...], quem lhe chancelou esse privilégio? Que ele nos mostre as credenciais desse belo e grande cargo!<sup>71</sup>

Apontamos, como última notação, a referência que incide sobre a dimensão desabonadora da curiosidade no campo das condutas sociais. Tomemos o capítulo “Para amanhã os negócios”, do Livro II, dos *Ensaíes*, cujo próêmio traz um comentário elogioso ao

<sup>67</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaíes*, Livro II, 12. *Op. cit.*, p. 229-230/486.

<sup>68</sup> SÊNECA, Lúcio A. *Cartas a Lucílio*, Carta 7, 9. *Op. cit.*, p. 17.

<sup>69</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaíes*, Livro I, 27. *Op. cit.*, p. 272/182.

<sup>70</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. *Op. cit.*

<sup>71</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaíes*, Livro II, 12. *Op. cit.*, p. 177/450.

tratado *Da curiosidade* de Plutarco<sup>72</sup>: “Nós, os ignorantes, estaríamos perdidos se esse livro não nos tivesse erguido da lama [...] é nosso breviário.”<sup>73</sup>.

Para Plutarco, “[...] a curiosidade, por sua vez, é uma intrusão, uma usurpação e uma revelação de segredos.”<sup>74</sup>, ao que prescreve, como terapia, variados dispositivos na forma de exercícios a serem praticados pelo curioso: “Para eliminar essa paixão, porém, o remédio mais importante é o hábito”<sup>75</sup>. A curiosidade se instala por hábito e será tratada por meio de exercícios progressivos até consolidar um hábito contrário.

Certamente se evidencia a filiação de Montaigne à advertência de Plutarco, exposta no Tratado, quando reafirma a pequenez moral de especular sobre a coisa alheia e o hábito vicioso de espreitar o secreto e o proibido. A própria consciência moral do ensaísta é recolhida como ilustração decorosa: “[B] [...] sinto escrúpulos se meus olhos pilham por descuido alguma informação das cartas importantes que algum grande estiver lendo, quando estou ao lado dele. Nunca homem se indagou menos e bisbilhotou menos sobre os assuntos de outrem”<sup>76</sup>. Contudo, diferentemente de Plutarco, Montaigne não propõe imediatamente uma terapêutica para o curioso. A curiosidade indiscreta e indecorosa é inteiramente condenável, mas ela é, também, relativa às circunstâncias. A parte final do comentário de Montaigne sobre a atitude de Rústico, mencionada no *Da curiosidade*, que retém sua curiosidade, nos abre uma brecha inesperada:

Na verdade, estando no assunto da curiosidade e dessa paixão ávida e gulosa por novidades, que nos faz com tanta indiscrição e impaciência abandonar todas as coisas para falar com um recém-chegado, e perder todo respeito e comedimento para abrir imediatamente, onde quer que estejamos, as cartas que nos entregam, houve razão para [Plutarco] louvar a gravidade de Rústico; e podia ainda acrescentar-lhe o elogio de sua civilidade e cortesia por não ter desejado interromper o curso de sua declamação. Mas tenho dúvida de que se possa elogiá-lo por prudência; pois recebendo imprevisivelmente cartas e sobretudo de um imperador, bem podia ocorrer que adiar sua leitura fosse muito prejudicial.<sup>77</sup>

<sup>72</sup> PLUTARCO. *La curiosité*. In: *Idem, Tutti i Moralia*. PISANI, G., LELLI, E (Org.). Milano: Bompiani, 2017. Segundo Basset: “O tratado segue uma progressão coerente com o objetivo parenético que Plutarco persegue e a postura de diretor de consciência que adota: começa por definir o vício com o qual lida e por retratar o πολυπραγμοσυνη em suas ações [...]; evoca remédios que seriam um meio de “sublimar” a curiosidade ou torná-la inofensiva antes de mostrar sua inanidade. [...] Ao final de seu tratado, opera conexões com “raças odiosas”, bajuladores e caluniadores, a última tentativa de conquistar a adesão do leitor curioso e convidá-lo a se corrigir. A demonstração é intercalada com exemplos, de natureza diversa, que colocam em cena personagens fabulosos, mitológicos ou históricos. Procedimentos retóricos, esses exemplos se inserem no esquema geral e testemunham a inscrição do tratado no gênero da predicação moral.” BASSET, Bérengère. De la ΠΟΛΥΠΡΑΓΜΟΣΥΝ à la curiosité: réception du traité de Plutarque de La curiosité à la Renaissance. *Op. cit.*, p. 2. T. da A.

<sup>73</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Livro II, 4. *Op. cit.*, p. 49/364.

<sup>74</sup> PLUTARCO. *La curiosité*, 8, 519c. *Op. cit.*, p. 977. T. da A.

<sup>75</sup> *Idem*, 11, 520d, p. 979.

<sup>76</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Livro II, 4. *Op. cit.*, p. 50/364.

<sup>77</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Livro II, 4. *Op. cit.*, p. 50/364.

No mais das vezes, excetuando situações específicas, a inquietação e a inconveniência do curioso merecem represália. Porém, há que se ponderar o contexto e relativizar a pertinência do ato curioso: em certas circunstâncias a urgência e a responsabilidade devem tomar a dianteira do decoro.

Quanto à terapêutica da curiosidade na esfera social, Plutarco, de posse do diagnóstico, fornece o receituário. Por seu lado, o expediente adotado por Montaigne é profilático. Se antecedendo ao tratamento da curiosidade viciosa, preventivamente, zela para não a deixar instalar por meio de uma adequada formação do caráter. É o que veremos a seguir.

Ao conjunto das significações montaignianas acerca da curiosidade viciosa aqui pinçadas, é possível, então, perceber três dimensões de atuação: 1. a relacionada à negligência dos limites da razão (aporte epistemológico), 2. a relacionada à indiscrição quanto aos usos e civilidade (aporte social), 3. e a relacionada ao sacrilégio em relação ao divino (aporte religioso).

#### **IV. Saber melhor e a boa curiosidade**

A tradição filosófica tem entre seus critérios de avaliação da curiosidade, se boa ou má, a triangulação dos procedimentos, dos objetos e das finalidades, cujo desenho é quase sempre negativo. Para Montaigne, igualmente, tais fatores são postos em questão, mas, ante uma negatividade absoluta, abrem uma chance promissora em favor de uma boa curiosidade. É bem vinda a curiosidade de instância interna, aquela que move os afetos com intuito formativo e para o conhecimento de si. A aplicação e a constrição da curiosidade nessa ambiência abrem a brecha para a curiosidade assertiva presente, notadamente, no capítulo “Da educação das crianças” (I, 26). Se no comentário sobre a atitude de Rústico, que vimos acima, a curiosidade e o curioso, quando acompanhados de certas deferências, ganham redenção em vista da eventual potencialidade benéfica de uma curiosidade de boa-fé<sup>78</sup>, tal movimento se torna possível pela ancoragem da curiosidade no campo de uma ética circunstanciada.

Montaigne confirma uma “curiosidade natural” que carece ser apropriadamente orientada e exercitada<sup>79</sup>. Nessa operatividade, reside a chance de fomentar uma “honesta curiosidade”<sup>80</sup>, da qual se pode agenciar proveitos nos estudos e na vida prática: ela é formativa, diligente e, quando aliada da perspectiva cética, amplia e acolhe uma investigação

<sup>78</sup> DELEGUE, Yves *Montaigne et la mauvaise foi. L'écriture de la vérité*. Paris: Honoré Champion, 1998. p. 104-110.

<sup>79</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Livro II, 12. *Op. cit.*, p. 268/512.

<sup>80</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Livro I, 26. *Op. cit.*, p. 233/156.

protetora da dúvida. A curiosidade regrada é, pois, cônica dos percalços, recorrentes na curiosidade excessiva, que escorregam para o dogmatismo, e dele para a presunção.

A instalação de uma curiosidade moderada exige, igualmente, manobrar os afetos, regulando-os, visto que o prazer e a vaidade, reconhece Montaigne, são suplementares do desejo de conhecer: “[...] o que nosso espírito extrai da ciência não deixa de ser voluptuoso, mesmo que não seja nem nutritivo nem salutar.”<sup>81</sup>.

As precauções nessa direção, mais uma vez, já se fazem presentes em Sêneca quando indica o percurso condizente com uma formação gradual e sólida. Na Carta 108, temos a preleção pedagógica de Sêneca sobre o modo adequado de apropriação do conhecimento em seus aspectos intelectuais e afetivos, que se conjugados podem alcançar e preservar a moderação do desejo de conhecer:

Repara que as questões não devem ser estudadas desordenadamente, nem convém tentar abarcar tudo de uma só vez; é gradualmente que chegarás à totalidade de nossas teorias. Importa também que não te esforces para além das tuas capacidades, nem tentes abarcar mais do que a tua preparação de momento te permite. Em suma, consagra-te ao estudo, não de tudo quanto te interessa mas sim de tudo quanto estás habilitado a entender. Se não desanimares, virás a conhecer tudo o que desejas, pois quanto mais conhecimentos o espírito absorve tanto mais capacidade vai adquirindo.<sup>82</sup>

Conselho semelhante Montaigne oferece ao preceptor eficiente: “Coloquem-lhe no espírito [da criança, do jovem] uma honesta curiosidade de se informar sobre todas as coisas; tudo o que houver de singular ao seu redor [...]”<sup>83</sup>, porém sem perder de vista as reais capacidades do pupilo, pois há sempre o risco de ultrapassar os limites intelectuais e as finalidades<sup>84</sup>.

Essa curiosidade atenta ao “livro do mundo” se realiza de maneira alegre e sem a fixação rígida de procedimentos ou objetos<sup>85</sup>. Trata-se, na verdade, da maneira investigativa típica da filosofia à moda montaigniana que, por sua vez, tem como característica a fruição da natureza e a observação atenta das atividades humanas. A leitura, as viagens, a observação e

<sup>81</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Livro II, 12. *Op. cit.*, p. 267/511.

<sup>82</sup> SÊNECA, Lúcio A. *Cartas a Lucílio*, Carta 108, 2. *Op. cit.*, p. 591.

<sup>83</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Livro I, 26. *Op. cit.*, p. 233/156.

<sup>84</sup> *Ibidem*, Livro I, 26, p. 224/150.

<sup>85</sup> Boudou e Cernogora, em interessantíssimo artigo, qualificam a boa curiosidade de Montaigne como “curiosité nonchalante”, adjetivação que nos parece adequada a partir da argumentação mobilizada pelas autoras: “A curiosidade “nonchalante” tal qual pintada nos *Ensaio*s não é passiva: ao contrário, é sinal de um pensamento sempre desperto, em alerta (ela é frequentemente associada à “exercitação da alma”), e deve ser entendido como um sinônimo de disponibilidade [*disponibilité*] do espírito. Consciente dos seus limites e do perigo de querer romper os segredos do universo e se perder, esta curiosidade visa essencialmente conhecer o homem por meio do eu. Montaigne ostenta, em definitivo, uma curiosidade exercida sobre o que está ao nosso alcance para viver bem (sem preocupação), sem renunciar à admiração pela variedade do mundo e às manifestações do gênio humano, em suma, mantendo “o ‘olho aberto’ sobre o Teatro do mundo.” BOUDOU Bénédicte; CERNOGORA, Nadia. *Montaigne et la curiosité nonchalante*. *Op. cit.*, p. 14. T. da A.

frequentação do “comércio dos homens”, tudo pode ser transformado em matéria para a reflexão filosófica e para o exercício do julgamento. A participação ativa na própria formação – ver, ouvir, tocar, experimentar, digerir sentidos e os resignificar – desde que estimulada por uma curiosidade bem conduzida, é fonte de aprendizado e de prazer: “[...] ele verá: um edifício, uma fonte, um homem, o local de uma batalha antiga, a passagem de César ou de Carlos Magno; [...]. Ele se informará sobre os costumes, os recursos e as alianças deste príncipe ou daquele. São coisas muito agradáveis de aprender e muito úteis de saber”<sup>86</sup>.

Sobretudo, essa face da curiosidade só se torna efetivamente “honesta” e útil quando alimentada por uma “cabeça bem feita”, isto é, um espírito autêntico, sensível às circunstâncias, de boas intenções e boas práticas. Trata-se da curiosidade que possui a qualidade da moderação e da aplicação ordenada, é parceira da dúvida e de uma disposição aberta em relação ao mundo. Se a curiosidade obstinada arrasta para o pedantismo e o dogmatismo, a curiosidade honesta amplia o catálogo de assuntos e opiniões para o exercício do julgamento.

## V. Considerações finais

O aspecto comum entre as duas faces da curiosidade – a virtuosa e a viciosa – reside na percepção de que ela é uma pulsão. Na abertura do capítulo “Da experiência” (III, 13), retornamos a Aristóteles: “[B] Não há desejo mais natural do que o desejo de conhecimento”<sup>87</sup>, que se manifesta de forma arrebatadora e prazerosa. A metáfora da caçada à verdade, mencionada no capítulo “Da arte da conversação” (III, 8), expressa exemplarmente a persistência inabalável em buscar o conhecimento, mesmo que sempre frustrante, se não em sua maneira, em seus resultados<sup>88</sup>, não deixa de trazer regozijo. A mesma metáfora aparece no capítulo “Apologia de Raymond Sebond” (II, 12) acrescida de adjetivação: “[A] Não devemos achar estranho se pessoas desesperançadas da presa não deixam de ter prazer na caçada: o estudo é por si uma ocupação prazerosa [...]”<sup>89</sup>. Mas, investigar, caçar o conhecimento, é atividade prazerosa na medida em que não excede o que lhe é natural,

---

<sup>86</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Livro I, 26. *Op. cit.*, p. 233/156.

<sup>87</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Livro III, 13. *Op. cit.*, p.422/1065.

<sup>88</sup> “[B] A agitação e a caçada são propriamente de nossa alçada; não temos desculpa por conduzi-la mal e tolamente; falhar na captura é outra coisa. Pois nascemos para buscar a verdade; possuí-la cabe a um poder maior. [...] [C] O mundo não é mais que uma escola de investigação.”. MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Livro III, 8. *Op. cit.*, p. 213/928.

<sup>89</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Livro II, 12. *Op. cit.*, p. 266/510.

entendido aqui como espontaneidade e facilidade, características atribuídas por Montaigne aos prazeres naturais<sup>90</sup>.

O exercício da boa curiosidade tem por condicionante seus limites naturais, salvaguarda do prazer e da facilidade na caçada, são eles a garantia da legitimidade dos seus usos. Quando tais limites são ultrapassados, se adentra a zona escura da curiosidade excessiva, indiscreta, frenética, que perde, dessa forma, sua utilidade para o bem viver e, conseqüentemente, sua legitimidade.

Na modernidade, a partir do século seguinte (XVII), a curiosidade, frívola e inútil, ou seja, a má curiosidade, ganha nova condição e passa ser vinculada ao perfil do investigador consciente de seus métodos e objetivos; adquire legitimidade à proporção que se torna constitutiva do interesse investigativo próprio das ciências modernas. Porém, essa recente qualificação – a boa curiosidade metodologicamente controlada – não é aquela afeita à Montaigne que, ao final, ciente do resultado da caçada, permanece zelando por uma curiosidade compatível com a dúvida e a irresolução<sup>91</sup>.

Recebido em 13 de setembro de 2022

Aceito em 18 de novembro de 2022

---

<sup>90</sup> PANICHI, Nicola. Penser la philosophie: pour une introduction. *Montaigne Studies*, v. XXI, n. 1-2, p. 3-11, 2009. p. 7.

<sup>91</sup> DESAN, Philippe. *Montaigne: penser le social. Op. cit.*